

QUAL ANTROPOLOGIA PARA FUNDAMENTAR A BIOÉTICA NO ÂMBITO TECNOCIENTÍFICO?

WHAT ANTHROPOLOGY CAN SUPPORT BIOETHICS IN THE TECHNO SCIENTIFIC SCOPE?

Leo Pessini*

Resumo

O autor busca mostrar a relevância da bioética no âmbito tecnocientífico a partir da análise de algumas teorias antropológicas atuais. Após analisar a teoria teocêntrica e teorias antropocêntricas do ser humano, ele pergunta se é possível haver um diálogo entre as diversas antropologias. A possibilidade de diálogo se abre a partir da atitude de admitir que cada teoria assume algo essencial da existência humana

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia. Bioética. Teorias antropocêntricas. Teoria teocêntrica.

Abstract

The author attempts to show the relevance of bioethics within the Techno scientific scope from the analysis of some current anthropological theories. After reviewing the theocentric theory and anthropocentric theories of the human being, he asks if there can be a dialogue between the various anthropologies. The possibility of a dialogue opens up from the attitude of admitting that each theory assumes something essential about human existence.

KEYWORDS: *Anthropology. Bioethics. Anthropocentric theories. Theocentric theory.*

* <pessini@scamilobr>.

Nenhuma época acumulou conhecimentos tão numerosos e tão diversos sobre o homem como a nossa. Nenhuma época conseguiu apresentar seu saber acerca do homem sob uma forma que nos afete tanto. Nenhuma época conseguiu tornar esse saber tão facilmente acessível. Mas também nenhuma outra época soube menos o que é o homem.

HEIDEGGER – 1929

Introdução

Vivemos tempos fortes, marcados por subjetivismos, relativismos e fundamentalismos nas mais variadas áreas do conhecimento e âmbitos da humanidade. Dificilmente poderemos deixar de ser prisioneiros de extremos ideológicos se não aprofundarmos a questão bioética. A questão antropológica (*quem é o homem?*) é a pedra fundamental em que se fundamenta qualquer paradigma bioético, quer seja na sua concepção teórica quer no conteúdo. É a pergunta que não podemos mais ignorar. A resposta que damos a esta questão dá forma às diferentes normas, princípios, valores ou intuições que identificam o ser humano, bem como visão, promoção e defesa de vida no discurso da bioética. Esta reflexão, na sua substância, nós a devemos ao pensamento de Edmund Pellegrino, notável médico humanista e bioeticista norte-americano.^{1,2}

Se não sabemos *quem e o que significa* o ser humano, como podemos julgar se as forças prodigiosas da ciência biomédica ameaçam ou aprimoram nossa humanidade? Temos hoje inúmeras teorias antropológicas e o encontro pelo menos (sendo a reconciliação ainda um ideal inatingível) destas múltiplas fontes de pensamento sobre o

¹ PELLEGRINO, Edmund D. “Toward a Richer Bioethics: A conclusion”, in: TAYLOR, Carol R. & DALL’ORO ROBERTO (editors). *Heath Human Flourishing: Religion, Medicine and Moral Phylosophy*. Georgetown University Press, Washington D. C., 2006, P. 247-269.

² PELLEGRINO, Edmundo D. “Evangelium Vitae, Euthanasia, and Physician Assisted Suicide: John Paul It’s Dialogue with the Culture and Ethics of Contemporary Medicine”, in: WILDES Kevin Wm., MITCHELL, Alan C. (Edited by). *Choosing Life: a dilogue on Evangelium Vitae*, Georgetown University Press, Washington, D. C., 1997, p. 236-251.

ser humano é crucial para nós. A crescente multiplicidade das ciências que estudam o ser humano trouxeram mais confusão e obscuridade que elucidação de nosso conceito de ser humano.

1 Um breve mapa das antropologias relevantes para a Bioética

No seu sentido mais amplo, uma antropologia é qualquer estudo formal, sistemático e crítico sobre *o que é o homem*. Neste sentido é uma teoria sobre o ser humano. Esta teoria pode ser organizada a partir de uma variedade de perspectivas e metodologias. Dependendo de qual metodologia ou perspectiva se utiliza, as antropologias podem ser classificadas como física, social, cultural, filosófica ou teológica. Cada uma delas define algum aspecto essencial do ser humano, mas também é limitada pela metodologia da disciplina básica a partir da qual ele elabora seu método, ou seja, ciência natural, filosofia, teologia, humanidades ou ciências sociais.

De um modo geral, as antropologias podem ser classificadas como *teocêntricas* e *antropocêntricas*. Estas, por sua vez, podem ser classificadas, no sentido amplo, em científicas, filosóficas ou subjetivistas, comuns à literatura, históricas, psicológicas e ciências sociais. A diferença relevante para a bioética é a fonte da autoridade moral, sobre a qual se fundamentam as decisões éticas em última instância. As teorias antropocêntricas colocam o ser humano no centro de tudo. Elas não reconhecem uma fonte última de autoridade moral para além do homem, seja como indivíduo ou como entidade social. Por outro lado, as teorias teocêntricas ou transcendentais, reconhecem uma última fonte de autoridade moral para além do ser humano, que é Deus, ou algum outro ser, fenômeno da natureza, ou ainda outra “força cósmica”, que ditam normas morais ao homem.

Estas distinções podem ser vistas como um *continuum*: De um lado podemos lembrar Protágoras que diz *ser o homem é a medida de todas as coisas*; de outro, existe a perspectiva cristã católica que apresenta *Deus é a medida de todas as coisas*, e que o homem é a imagem e semelhança de Deus e o que é bom é expresso na “lei divina”. Ao longo deste *continuum*, podemos localizar uma diversidade de antropologias cada uma se relacionando com a sua fonte de autoridade moral de forma diferente da outra. Vejamos a seguir algumas teorias de ser humano no contexto do discurso bioético contemporâneo.

2 Uma teoria teocêntrica: o ser humano como um ser espiritual

Todas as antropologias orientadas para o transcendente definem o ser humano e o meio moral em que este vive em relação a algum ser ou “força” para além de si próprio. Este além pode ser o Deus pessoal dos judeus, muçulmanos e cristãos, ou alguma força indefinível, mas real no universo, como os panteístas ou agnósticos, ou alguma divindade criada no mundo. As antropologias transcendentais incluem as principais religiões, sejam do ocidente ou do oriente, bem como formas modernas de maniqueísmo, gnosticismo e paganismo, frequentemente latentes na multiplicidade de formas da espiritualidade do movimento da Nova Era. Nestes casos, o moralmente certo e errado deriva da autoridade de uma fonte que está para além, acima e superior ao próprio homem, seja como mandamento direito, inferência a partir de textos, ou de interpretações de mensagens e sinais de várias formas.

Até que ponto estas visões transcendentais influenciam a bioética contemporânea é problemático, porque a mentalidade da bioética acadêmica, pelo menos nos EUA, é predominantemente secular. A teologia católica romana é algo de certa forma excepcional neste contexto porque tem uma longa história de estudo formal, que antecede em séculos a bioética contemporânea. Iniciando no século XV, já tem meio milênio de história. É também a posição contrária mais citada em relação às antropologias seculares antropocêntricas, hoje dominantes nos ambientes acadêmicos e científicos.

A teologia católica, bem como a ortodoxa apresentam um paradigma para uma ética baseada na ideia do homem como criado por Deus, a quem Deus deu a vida e uma natureza única e de quem Deus espera obediência de certas leis específicas. Na visão católica, a existência humana é interpretada segundo a doutrina da *imago dei*, isto é, o homem é a imagem e semelhança de Deus (*Gn* 1,27). A fonte desta dignidade é Deus e é inerente a todo e qualquer ser humano e não pode ser tirada, independentemente de sexo, idade, saúde ou doença. A vida humana é um dom de Deus que deve ser cuidado e respeitado.

3 Teorias antropocêntricas do ser humano

Em contraste com as respostas teocêntricas da questão antropológica, existem várias antropologias centradas no próprio ser humano que

descartam qualquer possibilidade ou necessidade de uma fonte para além de si mesmo. Confiam única e exclusivamente na própria razão, emoção, sentimentos e poderes da observação experimental e empírica. Temos assim a visão *positivista-empírica, a filosófica e a psicológica-behaviorista*.

3.1 A visão positivista e empírica do ser humano

Esta visão se fundamenta nas descobertas da biologia, da física e da química. É a ideia de ser humano predileta da bioética secular, da mídia e, para muitos estudiosos e pesquisadores, da academia. Ela representa o contínuo desenvolvimento da ideia cartesiana do ser humano como uma máquina. O corpo do homem, sua constituição e comportamento podem ser explicados pela química e física, da fisiologia à vida emocional e o próprio pensamento. Nesta visão, evolução, seleção natural e genética interagem para produzir a complexidade da vida humana. Mas não podemos esquecer que se trata de uma complexidade materialista, própria do âmbito da química e física.

É claro que esta visão ganhou muita credibilidade pelos grandes avanços da biologia genética e química. Seus discípulos admitem que ainda precisamos descobrir muito mais. Os defensores desta visão estão certos de que, mais cedo ou mais tarde, eles serão capazes não somente de explicar toda vida, mas chegar até a recriá-la, pelo conhecimento e técnicas da ciência experimental. Mesmo a evolução e a seleção natural não serão mais eventos casuais, mas controlados pelo homem para o desenvolvimento de futuras gerações. Entramos na área que muitos estudiosos hoje estão chamando o início do pós-humanismo.³

Numa bioética construída a partir desta visão, o homem é livre para usar a biotecnologia sem nenhuma proibição, a não ser aquela autoimposta. Não existe uma essência ou natureza permanente do ser humano, mas somente uma natureza corporal evolutiva de acordo com a genética e os determinantes evolutivos. O corpo do homem é modificável para as gerações presentes e futuras. Os limites são impostos somente pelo próprio ser humano que define os resultados desejáveis. A única

³ PESSINI, Leo. “Bioética e o desafio do transumanismo. Ideologia ou utopia? Ameaça ou esperança?” In MORENO, Leda V. A.; ROSITO, Margaréte M. B. (Orgs). *O sujeito na educação e saúde: desafios na contemporaneidade*. Centro Universitário São Camilo/Edições Loyola, 2007, p. 77-101. Cf. também DUPAS, Gilberto. Pós-humano – uma aventura trágica? In *O Estado de São Paulo*, 21 abril 2007, p. 2.

questão “ética” é se “os resultados são desejados ou não”. O homem é o único juiz de como as futuras gerações deverão ser. Nesta visão, a biotecnologia torna-se um tema de salvação, pois dá poderes ao ser humano de ser seu próprio redentor. Prometeu foi libertado pela ciência e agora está livre para refazer o mundo segundo seus próprios planos.

3.2 *O ser humano como ser pensante: o conceito filosófico de ser humano*

A filosofia e, particularmente, a ética de Platão, Aristóteles e dos estoícos fundamentaram as concepções mais influentes de ser humano na ética, política e legislação do mundo ocidental. A questão filosófica antiga centrava-se diretamente sobre a questão “O que é o homem”. Era o tipo de questão que Sócrates, por exemplo, frequentemente perguntava aos seus amigos. Como Platão testifica, Sócrates busca a essência, ou *o eidos*, do homem, o conceito que dissesse a ele o que faz uma coisa ser o que é, e não outra coisa.

Sócrates, Platão e Aristóteles chegaram a um conceito ou ideia de ser humano, prescindindo dos detalhes concretos para chegar à essência, aspecto pelo qual os humanos são humanos. Eles “desclassificaram” o que é considerado accidental, tal como idade, gênero, raça, cor da pele, doença e assim por diante, a miríade de detalhes concretos que diferencia os indivíduos. O que eles buscavam era o irredutível conceito comum aplicado a todos aqueles que se dizem “homens”, mas não para as outras espécies.

A ideia de ser humano como um ser racional, conscientemente escolhendo agir e ser responsável por seus atos, sobreviveu como fase filosófica da ética mais ou menos intacta, até Descartes, conceitualmente dividindo corpo e alma. A partir deste momento, a ideia filosófica de homem perdeu sua unidade e os pensadores se lançaram em busca de diferentes teorias de homem e consequentemente de ética.

As teorias contemporâneas de ética perderam sua confiança na razão e na religião. Como resultado, muitos tendem ao ceticismo em relação a verdades morais e possibilidades de normas universais e a respeito da validade da própria razão. Outros veem a filosofia somente como serva da ciência, o que reforça a aceitação da visão empírico-positivista de ser humano, como base para a teoria de homem e bioética. Esta subserviência da filosofia em relação à ciência tem uma consequência crucial: a expulsão da metafísica, seja do âmbito da ética, seja da filosofia moral.

Por estas razões, diz Pelegrino:

[...] a bioética no século XXI tende a confiar somente em critérios relativistas, pragmáticos e utilitários da verdade moral. A autoridade moral é frequentemente vestida na filosofia do liberalismo político, com suas ênfases em preferências pessoais, a impossibilidade de normas universalizáveis de qualquer tipo e a união da lei com a ética. Estamos frente a um apelo de instrumentalização da bioética, pois esta promete um controle sobre a natureza que gostaríamos de ter. Esta perspectiva também alimenta a arrogância tecnológica tão necessária para sustentar a ideologia do progresso perpétuo. No final, alguém poderia questionar, o quanto de ética genuína sobrou na bioética contemporânea? (p. 258).

3.3 O ser humano como um ser que sente: a abordagem subjetiva, intuitiva e psicodinâmica

A partir dos anos setenta do século XX até o presente, cresceu muito a insatisfação dos “humanistas” com as respostas científicas e filosóficas à questão antropológica. Muitos a consideram como por demais abstrata, racionalista e distante das dimensões existenciais do que é o ser humano frente aos dilemas morais.

Como antídoto, muitos agora buscam ajuda na literatura, nas ciências sociais ou na psicologia e nas ciências comportamentais. A ênfase passa a ser no afeto, consciência, intuições e sentimentos antes que na racionalidade. Esta visão tem um grande apoio nas teorias morais e sentimentais de Hutcheson e Hume. De primordial importância nesta visão é o ser humano existencial e não seu ser essencial. A ênfase não é sobre a ideia de ser humano – a representação intelectual abstrata de sua essência, mas sobre sua imagem, que é a singularidade concreta, particular, como é percebida numa pessoa.

A filosofia clássica pelo menos prescindiu precisamente daquelas particularizadas de uma entidade concreta. A ética procura uma norma que pode nos direcionar para um bom comportamento para todo ser humano, não somente deste homem em particular. Hoje a psicologia, as ciências comportamentais e a sociologia descrevem como a pessoa se apresenta, se comporta, o que sente, como se relaciona com os outros e com a sociedade, isto é, o que torna cada pessoa um ser único. Não há dúvida de que estes componentes individualizantes são cruciais

para se compreender a vida moral. Não existe essência que nos ajude numa compreensão completa da experiência da existência de ser um ser humano.

Uma bioética que se fundamenta numa resposta afetiva ou intuitiva à questão antropológica, facilmente psicologiza a ética. A ética passa das normas para questões de “valores” sem o benefício de uma axiologia que se embasa naqueles valores que vão além das preferências pessoais. Julgamentos morais então são justificados se as pessoas se “sentem” bem ou se tornam alguém “confortável”.

4 É possível um diálogo entre estas diferentes antropologias?

Cada teoria antropológica se apoia numa fonte diferente de autoridade moral para justificar suas normas. Algumas delas buscam fontes transcendentais, outras no próprio ser humano. Cada teoria afirma um paradigma diferente de bioética. Se nós como humanos confrontamos os desafios e dilemas da biotecnologia contemporânea, deve ter alguma fonte comum sobre *o que é, o que não é moralmente aceitável em relação ao que significa ser humano*.

As questões sobre a vida humana afetam a todos, simplesmente porque são questões comuns a todos e partilham a mesma humanidade. Elas não podem ser confinadas no interior de comunidades ignorantes e hostis umas em relação às outras. Nesta perspectiva, corremos o risco não somente de sermos *estranhos morais* (Engelhardt), mas, de fato, de estarmos frente ao perigo de nos tornar *inimigos morais*.

Quais são as condições mínimas para se iniciar um diálogo que respeite as diferenças enquanto busca o que é comum na humanidade que todos partilhamos? O primeiro passo é a admissão que toda antropologia, isto é, teoria sobre o ser humano assume algum aspecto essencial da existência humana. A diferença em cada teoria é sua contribuição para o melhor entendimento do todo. Uma concepção total de nossa humanidade é impossível, no entanto precisamos ter algum acordo sobre o que é comum em nossa humanidade, e que, portanto, devemos salvaguardar em nossas normas e valores morais.

A divisão entre as teorias antropológicas teocêntricas e antropocêntricas continuará a existir, sem sombra de dúvida. Existindo possibilidade de diálogo aqui, este exigirá abertura, não capitulação, especialmente entre religião e ciência e as diferentes formas de

conhecimento. Como viver e resolver os dilemas éticos que resultam de nosso crescente poder sobre a natureza? Os cientistas devem ter boa vontade e humildade em reconhecer as limitações da ciência em questões morais. Tanto a arrogância e o triunfalismo científico, quanto o religioso devem ser evitados, pois são danosos para o genuíno diálogo *inter, multi e transdisciplinar* que se faz necessário nesta área. É preciso cultivar uma atitude de humildade perante as extraordinárias conquistas da tecnociência que alteraram completamente a vida na face da terra. Neste início de novo milênio, estamos num momento histórico em que o homem tornou-se incondicionalmente problemático para si próprio. Ele não sabe mais quem ele é, mas, ao mesmo tempo, sabe que não sabe.

À guisa de conclusão

Nossos comentários finais a respeito desta reflexão alinham-se com a reflexão bioética e antropológica personalista de Pellegrino quando afirma que

no século XXI, nós estamos quase certos de saber muito mais sobre o homem como um ser biológico, mas provavelmente não muito mais sobre quem, o que, e por que ele existe. Mas não podemos mais, especialmente em bioética, abandonar esta questão antropológica por ser demais ‘problemática’. Hoje temos o poder de alterar nossa constituição biológica para o melhor ou para o pior, de maneira ainda inimaginável. Sem uma ideia mais clara sobre o ser humano, entraremos e permaneceremos na escuridão da floresta moral, sem uma bússola.⁴

Esta perspectiva de pensamento não deixa de ser uma profunda provocação e questionamento para todos os seres humanos que lutam na construção de um mundo melhor: profissionais da saúde, cientistas, pesquisadores, os que se dedicam à reflexão bioética, na árdua tarefa de promover e defender a vida humana e cósmico-ecológica, no reconhecimento da dignidade intrínseca da pessoa e sua integralidade corporal, psíquica, social e espiritual. Que antropologia embasa a visão e convicção de nosso modelo de bioética? Temos como um enorme

⁴ PELLEGRINO, Edmund D. *Idem*, p. 258.

desafio refletir e aprofundar a elaboração de um modelo bioético personalista, que seja promotor de inclusão e não de exclusão e que garanta a promoção e defesa da vida humana, principalmente da mais vulnerabilizada,⁵ enfim, um futuro digno para toda a humanidade.

Recebido: 17/05/2011

Avaliado: 19/07/2011

⁵ BARCHIFONTAINE, Christian de P.; ZOBOLI, Elma L. C. P. (Orgs.) *Bioética, vulnerabilidade e saúde*. Ideias e Letras, Centro Universitário São Camilo, São Paulo, 2007.